

O impacto da comunicação na saúde e segurança de pessoas com alergia alimentar¹

Maria Aguiar Vilhena de Carvalho²

Irene Rocha Kalil³

Sandro Tôres de Azevedo⁴

Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Este trabalho integra a parte inicial de pesquisa-dissertação de mestrado em Comunicação e Saúde e se ocupa da alergia alimentar (AA), uma condição potencialmente grave e ainda subestimada pelas políticas públicas e estratégias comunicacionais de marcas do setor alimentício. É empreendida a análise qualitativa de quatro estudos com mães de crianças alérgicas ou celiacas e adultos que convivem com essas condições, a fim de compreender como a vivência da AA compromete a saúde em sua dimensão ampliada. Em seguida, as linhas de força do material analisado são confrontadas com o referencial teórico do campo da Comunicação e Saúde, combinado com o conceito de ciberpublicidade, para se discutir o papel central da comunicação na construção da autonomia, das redes de apoio e do cuidado, propondo um olhar que ultrapassa a lógica biomédica e contribui para práticas mais inclusivas e alinhadas ao SUS.

Palavra-chave: Alergia Alimentar; Ciberpublicidade; Comunicação e Saúde; Publicidade; Comunicação.

Introdução

A alergia alimentar (AA) é uma resposta imunológica provocada pelo contato com certos alimentos, podendo causar reações que variam de leves a graves, como a anafilaxia, condição potencialmente fatal (Anvisa, 2024). Apesar dos avanços na regulamentação, a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Informação, Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Icict/Fiocruz), e-mail: mvilhena@aluno.fiocruz.br.

³ Doutora em Informação e Comunicação em Saúde, professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Icict/Fiocruz) e pesquisadora da equipe do Laboratório de Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Laces/Icict/Fiocruz), e-mail: irene.kalil@fiocruz.br.

⁴ Doutor em Estudos de Linguagem, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Icict/Fiocruz) e professor adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), e-mail: sandro.torres@eco.ufrj.br.

AA segue subestimada tanto pelas políticas públicas quanto pelas estratégias comunicacionais das marcas do setor alimentício. Diante disso, esta pesquisa propõe analisar como a vivência da alergia compromete a saúde em sua dimensão ampliada e de que maneira a comunicação pode amplificar ou atenuar esses impactos.

Como ponto de partida para essa reflexão, foi realizada uma revisão de literatura exploratória a fim de identificar estudos que abordassem experiências de pessoas que convivem com restrições alimentares graves. Foram selecionados quatro estudos qualitativos (Pasini; Paula, 2022; Paula, 2017; Rosa, 2017; Silva, 2021) na plataforma Google Acadêmico, que reúne diferentes bases de dados. Utilizaram-se os descritores “alergia alimentar” e “sociabilidade” para localizar estudos que apresentassem relatos em primeira pessoa sobre o cotidiano de pessoas alérgicas. As narrativas reunidas tratam de desafios enfrentados em escolas, na leitura de rótulos, na construção de redes de apoio e no acesso a informações seguras.

Dada a interpretação dos referidos estudos, passamos a relacionar suas linhas de força com o referencial teórico do campo da Comunicação e Saúde. Araújo e Cardoso (2007) defendem que a comunicação vai além de uma função meramente instrumental, sendo um elemento central na construção dos sentidos sociais, que organizam a percepção da realidade, promovendo o direito à saúde por seu potencial de “apoderamento” dos indivíduos (Araújo, Cardoso, 2013). Nesse campo, essa dimensão está imersa em relações de poder, que influenciam quais vivências são legitimadas ou silenciadas, moldando os sentidos atribuídos à saúde, ao risco e ao cuidado. Com base nos princípios do SUS (Paim, 2015), e na compreensão da comunicação como direito constitutivo do direito à saúde, é possível refletir sobre como falhas comunicacionais não apenas reproduzem essas desigualdades, mas deslocam para os próprios sujeitos a responsabilidade por sua segurança.

Enfim, a teoria da ciberpublicidade (Azevedo, 2012; Atem; Oliveira; Azevedo, 2014; Azevedo; Atem, 2024) é acionada, pois seus fundamentos ajudam a reconhecer o papel dos meios digitais na reconfiguração das práticas comunicacionais, permitindo a inferência de que pessoas alérgicas podem deixar de ser apenas receptoras de informação para se tornarem produtoras e mediadoras de sentidos sobre saúde. A circulação de relatos, alertas e recomendações em ambientes digitais tem potencial para ampliar a noção de que a comunicação também é forma de cuidado.

Por essa perspectiva, é possível evidenciar como a AA compromete a saúde integral de alérgicos e seus familiares, afetando sua autonomia, socialização em espaços coletivos e o bem-estar emocional e financeiro. Da mesma forma, é exequível mapear estratégias informais de enfrentamento mobilizadas pelo grupo, como a formação de redes de apoio, a troca de informações em redes sociais e a busca ativa por fontes confiáveis de informação sobre produtos e cuidados no cotidiano.

As práticas comunicacionais evidenciadas nos relatos mostram que a comunicação ocupa um lugar central na construção da autonomia e da segurança alimentar, construindo uma rede de cuidado informal frente a insuficiência do suporte institucional. Ao compreender a AA sob a ótica da comunicação como prática social, esta pesquisa rompe com a lógica biomédica centrada na racionalidade técnica e contribui para a valorização de experiências historicamente excluídas dos processos institucionais de escuta e decisão. Ao trazer à tona as experiências de sujeitos diretamente afetados, contribui-se para o reconhecimento da comunicação como direito, fortalecendo sua perspectiva dialógica, inclusiva e alinhada aos princípios do SUS (Paim, 2015).

Referências

- Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Rotulagem de Alimentos Alergênicos**. 6ª Edição. Brasília, maio 2024.
- Araújo, I. S.; Cardoso, J. M. Circulação polifônica: comunicação e integralidade na saúde. In: Pinheiro, R.; Müller Neto, J. S.; Ticianel, F. A.; Spinelli, M. A. S. (Orgs.). **Construção social da demanda por cuidado: revisitando o direito à saúde, o trabalho em equipe, os espaços públicos e a participação**. 1º ed. Rio de Janeiro: UERJ/IMS; CEPESC; LAPPIS; ABRASCO, 2013. p. 211-223.
- Araújo, I. S.; Cardoso, J. M. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- Atem, G. N.; Oliveira, T. M.; Azevedo, S. T. (Orgs.). **Ciberpublicidade: discurso, experiência e consumo na cultura transmidiática**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2014.
- Azevedo, S. T. A ciberpublicidade como novo modelo de fazer publicitário: análise da campanha “Quem faz nossa história é você”. In: **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/r7-2156-1.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- Azevedo, S. T.; Atem, G. N. Ciberpublicidade, discurso e poder: desdobramentos do modelo contemporâneo de fazer publicitário. In: Trindade, E.; Alves, M. C. Dias; Perez, C. (Orgs.). **Mídia, publicidade e desafios do contemporâneo**. São Paulo: ECA-USP, 2024, p. 15-30.
- Paim, J. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.
- Pasini, J. F. S.; Paula, F. A. “Decifra-me ou devoro-te”: quando aprender a ler “ovo” e “glúten” passa a ser vida, saúde e cidadania nas crianças com alergia alimentar e celíaca. In: **Linha Mestra**,

Porto Alegre, n. 46, p. 939–946, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1033/982>. Acesso em: 13 jun. 2025.

Paula, F. A. Desconhecimento, invisibilidade, vulnerabilidade e negligência: a percepção dos familiares da criança celíaca sobre suas necessidades alimentares especiais na escola. In: Maia, C.; Santos, A. T. (orgs.). **Direito humano à alimentação adequada e alimentação escolar: olhares interdisciplinares**. Brasília: FNDE, 2017. Disponível em: <https://chefcarlamaia.com/wp-content/uploads/2019/08/livro-direito-humano.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

Rosa, R. S. O exercício da sororidade entre mães de crianças com alergia à proteína do leite de vaca. In: **Anais do Congresso Internacional de Gênero e Interdisciplinaridade**, Canoas, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2017. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/852>. Acesso em: 13 jun. 2025.

Silva, M. S. **Práticas informacionais de pessoas com alergias alimentares e intolerâncias: um olhar sobre a busca da qualidade de vida**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/59933/5/2021_dis_mssilva.pdf. Acesso em: 13 jun. 2025.